

Imagem corporal feminina na adolescência: a influência da mídia

Female corporal image at adolescence: the influence of the media

DOI:10.34119/bjhrv5n3-318

Recebimento dos originais: 14/02/2022

Aceitação para publicação: 28/03/2022

Telma Sara Queiroz Matos

Doutora do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais Campus Ituiutaba

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais Campus Ituiutaba

Endereço: R. Ver. Geraldo Moisés da Silva, S/N, Universitário, Ituiutaba - MG,

CEP: 38302-192

E-mail: telma.matos@uemg.br

Maíla Costa de Oliveira

Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais Campus Ituiutaba

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais Campus Ituiutaba

Endereço: R. Ver. Geraldo Moisés da Silva, S/N, Universitário, Ituiutaba - MG,

CEP: 38302-192

E-mail: maailacoosta19@gmail.com

RESUMO

A imagem corporal refere-se ao modo pelo qual cada pessoa experimenta e vivencia seu corpo, sendo compreendida como um conceito único. Essa imagem é construída por meio das experiências de cada ser humano. Este estudo teve como objetivo verificar a influência da mídia na construção da imagem corporal das adolescentes e também identificar os impactos que possivelmente estão relacionados a esse processo, como a insatisfação da imagem corporal e o risco de transtornos alimentares. Os dados deste estudo pautam-se na Teoria Fundamentada de Strauss e Corbin (2008), pela qual inicia-se o processo de análise ou codificação. Foram selecionados quinze estudos para a revisão proposta. Conforme apontado pela análise, pôde-se verificar que a mídia possui, diretamente, um papel influenciador na vida das adolescentes.

Palavras-chave: imagem corporal, influência da mídia, adolescência, corpo feminino.

ABSTRACT

Body image refers to the way in which each person experimentalize and experiences his body, being understood as a unique concept. This is built through the experiences of every human being. This study aimed to verify the influence of the media on the construction of the body image of adolescents, as well as to identify the impacts that are possibly related, such as body image dissatisfaction and the risk for eating disorders. The data of this study are based on the Grounded Theory of Strauss and Corbin (2008), through which the process of analysis or codification begins. Fifteen studies were selected. According to the analysis, it can be verified that the media has, directly, an influencer role in the lives of adolescents.

Keywords: body image, media influence, adolescence, feminine body.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Tavares (2003), a imagem corporal refere-se ao modo pelo qual cada pessoa experimenta e conceitua seu corpo. O conceito de imagem corporal, de acordo com a autora, deve ser compreendido como objeto único, construído por meio da experiência de cada ser humano, a qual é vista como uma fórmula à individualidade, podendo ter uma associação entre as inter-relações de outras imagens corporais, que, de certo modo, contribuem para a construção da identidade do ser humano.

No contexto midiático, diversas discussões relacionadas ao corpo são abordadas, tendo como referência o padrão corporal de um corpo magro e/ou atlético, reportando-se a um imaginário de “corpo ideal”. Embora o conceito de corpo ideal esteja sofrendo transformações ao longo da história, observa-se que o culto ao corpo sempre esteve ligado a uma imagem de poder, beleza e mobilidade social (Pereira, Graup, Lopes, Borgatto & Daronco, 2009).

Conforme afirmam Frois, Moreira e Stengel (2011), ao longo do desenvolvimento humano, nomeia-se o próprio corpo em termos anatômicos e com isso referencia-se o modo de se estar no mundo, imbuindo esse corpo de sentido e significado. Contudo, essa relação refletirá no modo de construção da imagem corporal de cada indivíduo. Conforme a afirmação feita pelas autoras, desde a gestação ou até mesmo no planejamento dela, o bebê recebe atribuições de nomes pelos pais. No entanto, após o nascimento, começam a surgir representações e significações que passam a ser vivenciadas e experimentadas pela criança na relação com o outro. São exatamente essas experiências que permitem que o indivíduo adquira outras referências e noções acerca de si mesmo, atribuindo significados ao esquema corporal e ao corpo em movimento.

A adolescência é marcada pela transição da fase infantil para a vida adulta. Observa-se que esse período do adolescer é acometido por mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais, nas quais os adolescentes perpassam contextos culturais, sociais e até mesmo econômicos. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 386), “[...] a adolescência é uma construção social [...]”, uma noção que não existia nas sociedades pré-industriais, pois as crianças que amadureciam fisicamente ou que iniciavam a vida profissional eram consideradas adultas.

No entanto, a etapa do adolescer é permeada por oportunidades e riscos. Em termos de oportunidades, destaca-se aquelas relacionadas ao crescimento em competência cognitiva e social, permitindo a construção da autonomia, intimidade e autoestima. De modo geral, os riscos desse processo estão relacionados às formas de bem-estar físico e mental (Papalia & Feldman, 2013).

Segundo Frois et al. (2011), a construção e reconstrução da imagem corporal perpassa todas as fases da vida. Contudo, no período da adolescência, caracterizado pela faixa etária de 10 a 19 anos, ocorrem as mudanças significativas do corpo em movimento com o mundo, pois as incoerências estabelecidas não se fundem apenas pelo desejo de modificar a estrutura corporal, “mas apontam para uma mudança inexorável do corpo impelida por questões hormonais e físicas, suscitando no indivíduo demandas de ajustamentos estruturais” (Frois et al., 2011, p. 75). Dessa forma, a adolescência torna-se responsável pela estruturação e configuração da identidade corporal, propondo uma construção bem-estruturada e equilibrada na relação do corpo com o mundo.

A construção da imagem corporal está relacionada a diferentes fatores e pode sofrer influências pelo contexto em que se vive, como as relações sociais, os meios de comunicação e as definições que são veiculadas pelas mídias, como, por exemplo, rádio, televisão e internet (Frois et al., 2011). A respeito disso, considera-se que a utilização das mídias sociais é vista como meio de comunicação e de interação entre os usuários delas. De acordo com Telles (2010), as mídias sociais permitem a criação de conteúdo em plataformas na Internet, proporcionando a interação social e o compartilhamento de informações em diferentes formatos. Afirma-se que as mídias sociais pertencem a uma revolução poderosa, tendo o poder de influenciar decisões.

O interesse por essa temática partiu da necessidade de compreender como as mídias sociais podem influenciar na construção da imagem corporal de adolescentes, principalmente do gênero feminino. A importância em pesquisar o tema surge, assim, pela constante imposição da mídia ao definir um padrão corporal único, especialmente, nos dias de hoje, ao veicular o corpo magro e/ou atlético como aquele que deve ser conquistado. Constata-se que os riscos que a busca por esse padrão de beleza pode desencadear, como, por exemplo, a realização de procedimentos estéticos excessivos, utilização de medicamentos divulgados pela mídia ou até mesmo possíveis transtornos alimentares, são muito graves. Não obstante, reconhece-se que esse tipo de influência gera um constante sentimento de comparação e insatisfação com o corpo experienciado e vivido por mulheres, que cotidianamente lutam para serem aceitas e amar o corpo natural.

Em função dessas questões, percebeu-se a necessidade de se verificar a influência da mídia na construção da imagem corporal feminina de adolescentes, realizada por meio dos recursos metodológicos estabelecidos pela pesquisa bibliográfica. O estudo tem como objetivo selecionar os materiais científicos considerados mais relevantes, encontrados nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, tendo como prioridade os materiais

publicados nos últimos 10 anos. O principal objetivo assumido neste estudo é verificar a influência da mídia na construção da imagem corporal das adolescentes, além de identificar a possível relação com a mídia na insatisfação corporal de meninas-adolescentes e os impactos ocasionados por esse processo.

2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CORPORAL

Segundo Calligaris (2000), no período da adolescência vivencia-se uma ambiguidade de sentimentos, como tristeza, raiva, desprezo e rebeldia. O autor ainda afirma que o adolescente, de modo geral, é o sujeito que foi treinado e instruído por diferentes caminhos conforme os princípios da comunidade, tendo como principais influenciadores para esse processo a escola, os pais e a mídia. Além disso, o autor salienta que a adolescência é marcada pela perda da segurança do amor, de modo que a insegurança se faça presente durante esse período, o que permite caracterizá-la como um traço do período do adolecer:

O que vemos no espelho não é bem nossa imagem. É uma imagem que sempre deve muito ao olhar dos outros. Ou seja, me vejo bonito ou desejável se tenho razões de acreditar que os outros gostam de mim ou me desejam. Vejo, em suma, o que imagino que os outros vejam. Por isso o espelho é ao mesmo tempo tão tentador e tão perigoso para o adolescente: porque gostaria muito de descobrir o que os outros veem nele. Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio. (Calligaris, 2000, p. 25).

Para Aberastury e Knobel (1970/1981), a inserção no mundo adulto para o adolescente representa a perda total da condição de criança presente em si. As mudanças psicológicas ocasionadas por esse período propiciam a necessidade de novas construções relacionais com os pais e com o mundo, o que apenas se torna possível após a elaboração do luto do corpo, da identidade infantil e da relação com os pais. Considera-se que a perda da identidade de criança possibilita a busca por uma nova identidade e é, desse modo, que o adolescente busca se reconhecer por aquilo que quer ser, escolhendo como modelo alguns ideais. Conforme afirmado pelas autoras supracitadas, essa nova identidade surgirá após a aceitação das mudanças em seu próprio corpo, o que ocorre em um longo processo.

Durante esse período, os pais e responsáveis continuam a influenciar algumas escolhas. Porém, nessa fase, os adolescentes sentem a necessidade de se tornar seres independentes, capazes de fazer as próprias escolhas. Criam-se expectativas na espera de que possam fazer o que quiser e quando quiser e, ainda, que será um tempo marcado pela felicidade. Em função disso, frustram-se quando se deparam com a realidade de imposições e privações. Sabe-se que

a transição da fase infantil para a adolescência é marcada pelo desejo de escolher as próprias roupas e acessórios, buscando novos espaços e vínculos, nos quais se sintam acolhidos e identificados. As oscilações da identidade estão relacionadas às diferentes escolhas entre meninas e meninos, “nas notáveis variações produzidas em poucas horas pelo uso de diferentes vestimentas, mais chamativas na menina adolescente, mas igualmente notáveis no menino, especialmente no mundo atual” (Aberastury & Knobel, 1970/1981, p. 9).

De acordo com Del Ciampo e Del Ciampo (2010), a estrutura da identidade é formada ao longo da vida, mas é durante a adolescência que as características da identidade se intensificam, influenciando em sua estruturação. Para os autores, a percepção corporal do adolescente é primordial para a formulação da identidade.

Embora tenham surgido dúvidas sobre a utilização do termo correto, “esquema” ou “imagem corporal”, destaca-se que Paul Schilder e Henry Head foram considerados como os primeiros pesquisadores que contribuiu para o desenvolvimento e avanço dos estudos sobre imagem corporal. Durante mais de trinta anos, o psicólogo Seymour Fisher se dedicou a aprofundar no tema, e em consequência publicou três livros onde apresenta os achados da pesquisa. (Ribeiro, Tavares & Caetano, 2012).

Em Silva, Venditti Jr. e Miller (2010) consta a obra *A Imagem do corpo* (1994) de Paul Schilder, conceituando que a imagem corporal é a figuração do corpo na mente, como o corpo se apresenta para o próprio indivíduo.

A imagem corporal relaciona-se às relações intra e interpessoais, às emoções e sentimentos do indivíduo consigo, com os outros e seu ambiente, com uso de vestimentas e objetos de adorno, além de suas relações com seu próprio corpo na parte externa e interna do mesmo (superfície e interior do corpo) (Silva et al., 2010, p. 1).

Silva et al. (2010) afirmam que, além dos fatores patológicos, os eventos diários influenciam a construção da imagem corporal. Frois et al. (2011), por sua vez, apontam que a construção da imagem corporal é influenciada pelos significados, sentidos e experiências ocorridas ao longo da vida, referindo-se a um processo cíclico e gradativo. As experiências pessoais incluem os aspectos familiares, desde o nascimento, o contato com a escola e com a mídia contemporânea. Os pais, que estão em harmonia com o seu próprio corpo e o modo de se relacionar com o mundo, possuem uma organização corpórea bem-sucedida e, assim, contribuem de forma saudável para os filhos adolescentes frente aos conflitos de imagem:

Assim, as exigências traduzidas pelas imagens do contemporâneo, sobretudo as fornecidas pelas mídias, configuram um corpo-imagem irreal e ilusório, nem sempre convergente e em sintonia com as imagens corporais de indivíduos imbuídos de marcas familiares e vivenciais de ordem biológica, afetiva e social. Essa incongruência acaba por gerar um processo conflituoso, que será organizado a partir de um novo ajustamento da imagem corporal. A cada momento em que recebe novas demandas físicas e afetivas o indivíduo se vê na necessidade de construir novas imagens e esquemas para o seu corpo, de modo a colocar-se saudável na relação com os outros no mundo. (Frois et al., 2011, p. 72)

Além do acesso à televisão, ao rádio e às revistas, atualmente, a adolescência também é marcada pela inserção do indivíduo no mundo digital, por meio do uso da internet, celulares e tablets, facilitando o acesso a informações e a comunicação com pessoas de diferentes lugares. Entretanto, como meio influenciador, as mídias sociais e seus conteúdos expostos apresentam mensagens em torno do que é ser “belo” e o que é ser “feio”, promovendo, a partir disso, a generalização de padrões errôneos e distorcidos sobre o corpo. De acordo com Goulart e Carvalho (2018), a mídia utiliza ferramentas como o Photoshop para distorcer a realidade e apresentar o que interessa para eles, de maneira que o que é apresentado em cartazes e fotografias é fruto de corpos editados. Nesse caso, dispõe-se de um contexto ilusório, diferente do contexto real.

As redes sociais compõem uma categoria das mídias sociais. Conforme Lira, Ganen, Lodi e Alvarenga (2017), as redes sociais são um ambiente cujo objetivo é integrar pessoas. A inserção nesse meio é realizada por intermédio da inscrição e/ou criação de contas, as quais permitem expor perfis com dados pessoais como, por exemplo, o uso de fotos, textos, vídeos e mensagens. As autoras afirmam que, além de uma tecnologia da moda, as redes sociais estão caracterizadas como meio de respostas às necessidades humanas e que podem causar na sociedade atual sentimentos conflituosos. Murari e Dorneles (2018), revelam que a mídia, sabendo de sua função influenciadora, utiliza os seus recursos de comunicação para expor fórmulas e dietas milagrosas, intencionando que o indivíduo atingido por mensagens como essas comprem aquela verdade.

Pelo modo de propagação de conteúdos e informações, a mídia produz e apresenta modelos de vida, consumo e comportamentos. Assim, considera-se que a mídia é um dos principais influenciadores na construção da identidade dos adolescentes. O poder midiático em influenciar escolhas acarreta custos altos e riscos à saúde, principalmente pela apresentação de um modelo corporal irreal e ilusório (Del Ciampo & Del Ciampo, 2010).

Comparando as preocupações corporais entre meninas e meninos, percebe-se que as meninas estão preocupadas com aspectos relacionados à gordura ou com a idealização do corpo

perfeito. Já os meninos preocupam-se em desenvolver um corpo musculoso (Ålgars et al., 2004 como citado em Del Ciampo & Del Ciampo, 2010, p. 56).

O corpo feminino magro, até o século XIX, era julgado como um sinal de saúde ruim, associando-o a uma mulher frágil e com o indicativo de pobreza. No século XX, o corpo feminino tido como “perfeito” passou a ter como referência um corpo com formas mais delineadas, enaltecendo o corpo de mulheres com a cintura fina, seios grandes e quadris largos (Del Ciampo & Del Ciampo, 2010).

A constante exposição à cultura midiática, acerca do padrão de beleza e corpo ideal, permite observar indivíduos insatisfeitos com seu próprio corpo e dispostos a seguir esses padrões. Segundo Bezerra, Barros, Bezerra, Simões, Bottcher, & Pereira (2020), os maiores índices de insatisfação corporal ocorrem com adolescentes do sexo feminino. Com base nisso, compreende-se que, na busca pela completude e satisfação corporal, as adolescentes procuram medidas como a cirurgia plástica, o uso de anabolizantes e dietas errôneas.

Outros autores, na esteira do que afirmou Bezerra et al. (2020), também denunciam a insatisfação corporal de adolescentes do sexo feminino. Segundo Lira et al. (2017), essa insatisfação das adolescentes possui uma relação com a mídia, incluindo nisso as redes sociais. Bezerra et al., por sua vez, demonstraram que adolescentes do sexo feminino possuem maiores índices de insatisfação corporal. Conforme os estudos, esse descontentamento pode relacionar-se ao excesso de peso. No caso dos adolescentes do sexo masculino, as maiores insatisfações com o corpo são referentes ao desejo de ganhar peso ou massa muscular.

Claumann, Pinto, Silva e Pelegrini (2018), em um estudo epidemiológico realizado entre adolescentes do sexo feminino e sexo masculino, destacam que os adolescentes com insatisfação corporal estão mais vulneráveis a cometer suicídio, comparando-se aos adolescentes satisfeitos com os seus corpos. O estudo também obteve como resultado que adolescentes do sexo feminino apresentam maior prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas.

A insatisfação corporal refere-se a um sentimento negativo em relação ao corpo, ao sentimento de não gostar do próprio corpo, juntamente com o desejo de obter outra forma corporal com a qual se sinta satisfeito. Sendo assim, a não aceitação do corpo e o sentimento de insatisfação corporal podem produzir no indivíduo alguns sintomas, como a baixa autoestima, tristeza, sentimento de inferioridade, entre outros.

Conforme Del Ciampo & Del Ciampo (2010), o adolescente não demonstra com facilidade os indícios de insatisfação da imagem corporal, em muitos casos apresentam apenas mensagens subliminares, dificultando a identificação do problema. Os autores assinalam que a

identificação precoce do problema contribui para um possível diagnóstico. Ressaltam, ainda, que os profissionais que atendem adolescentes devem se atentar a alguns sinais sobre a saúde e os aspectos relacionados ao corpo e, ainda assim, caso a questão não seja abordada pelo adolescente, questionar sobre a imagem corporal.

De modo geral, o ser humano insatisfeito busca movimentar-se para satisfazer os seus desejos, ou seja, procura comida quando sente fome ou procura se aquecer quando sente frio, por exemplo. Esse comportamento não seria diferente com relação à insatisfação corporal em adolescentes, pois, de acordo com Claumann et al. (2018), para se atingir os objetivos do corpo idealizado e desejado, esses jovens buscam soluções rápidas. É válido mencionar que algumas estratégias para a busca dessa idealização de corpos podem acarretar problemas na alimentação, podendo causar transtornos alimentares, como bulimia e anorexia. Conforme Scherer, Martins, Pelegrini, Matheus e Petroski (2010), a alimentação inadequada, na busca pelo corpo magro desejado, associa-se como um dos fatores contribuintes para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Mesmo estando abaixo do peso, a anorexia nervosa é marcada pela distorção da imagem corporal, acompanhada pelo medo constante de se ganhar peso. Na bulimia nervosa, ocorre uma compulsão alimentar seguida por comportamentos compensatórios, evitando-se, assim, o ganho de peso. Ambos são transtornos alimentares, característicos de uma alimentação não saudável para o indivíduo (Saikali, Soubhia, Scalfaro & Cordás, 2004).

Na busca pelo corpo perfeito ou idealizado, outro risco predominante e que vem crescendo cada vez mais é a cirurgia plástica. De acordo com a Ávila (2021), o Brasil lidera o ranking de cirurgias plásticas em adolescentes. Nos últimos 10 anos, conforme dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica apresentados por Ávila, houve um crescimento de 141% de cirurgias plásticas realizadas em adolescentes de 13 a 18 anos. Conforme as informações supracitadas, os principais motivos para a realização desse método invasivo, corresponde à busca pela melhora da autoestima e até em função de bullying, pois uma mudança na aparência física, naquilo que incomoda ou causa desconforto no próprio corpo, pode relacionar-se a uma falsa ideia de aceitação dos pares. Todavia, a realização de qualquer método cirúrgico em adolescentes deve ser concedida pelos pais ou responsáveis.

Segundo Borsoi e Guimarães (2019), o mercado das cirurgias plásticas vem inovando cada vez mais. A cada ano, praticamente, surge um método ou procedimento novo, como também novas marcas de produtos estéticos. Assim, a cirurgia plástica corresponde a uma das ferramentas para as adolescentes que procuram moldar o corpo feminino, na finalidade de se adequar aos padrões corporais expostos e idealizados, especialmente influenciados pelas

mídias. É, nesse sentido, considerando-se o que foi apresentado, que este estudo pretende compreender a influência da mídia na construção da imagem corporal feminina de adolescentes e todos os fatores intervenientes nesse processo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme Lima e Miotto (2007), a produção de conhecimento, como elemento de construção para o saber da humanidade, torna-se o principal motivo para o avanço de pesquisas, considerando-se como fator condicionante o desenvolvimento econômico. Ainda de acordo com os autores:

Entende-se pesquisa como um processo no qual o pesquisador tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (Minayo, 1994, p. 23 como citado em Lima & Miotto, 2007, p. 38).

A pesquisa bibliográfica refere-se à revisão de literatura acerca das principais teorias que abordam o tema do trabalho científico (Pizzani, Silva, Bello & Hayashi, 2012). Segundo Lima e Miotto (2007), o desconhecimento sobre os saberes envolvidos numa pesquisa bibliográfica pode erroneamente caracterizá-la como uma simples revisão de literatura ou revisão bibliográfica. No entanto, é válido elucidar que a revisão de literatura se adequa a qualquer tipo de pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica se diferencia dela por possuir procedimentos que buscam soluções frente ao objeto de estudo, atendendo às especificidades dele.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica tem como prerrogativa uma ampla cobertura de resultados para o investigador. O autor aponta essa vantagem desse tipo de pesquisa justificando-o como importante, principalmente por permitir a obtenção de dados que possam estar dispersos pelo espaço, de modo que seja possível ressaltar a indispensabilidade da pesquisa bibliográfica em estudos históricos. Todavia, em contrapartida, o pesquisador deve-se atentar aos dados obtidos, analisando profundamente as informações, a fim de encontrar possíveis incoerências ou contradições.

Conforme apontado por Pizzani et al. (2012), a busca pelo material bibliográfico pode ser realizada por meio de três tipos de fontes informacionais. Apresenta-se inicialmente as fontes primárias, consoante aos livros, teses universitárias, relatórios técnicos, artigos em revistas científicas e anais de congressos. As fontes secundárias, por sua vez, referem-se aos trabalhos não originais, aqueles que são apenas citados e interpretados sobre os trabalhos

originais, como, por exemplo, os artigos de revisão bibliográficas, artigos de divulgação científica, entre outros. As fontes terciárias são os índices da junção de trabalhos primários e secundários, que possuem resumo ou não.

A coleta e análise dos dados deste estudo pauta-se na Teoria Fundamentada de Strauss e Corbin (2008, p. 25), a qual pode ser definida como uma “[...] teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio do processo de pesquisa. Neste método, coleta de dados, análise e eventual teoria mantêm uma relação próxima entre si”. Os autores defendem que a teoria derivada dos dados se aproxima mais da realidade de fatos e tende a proporcionar mais discernimento e melhor entendimento sobre a questão em pauta, fornecendo, assim, um guia norteador para a devida ação do pesquisador.

Para a coleta de dados deste estudo, realizou-se a seleção dos materiais referenciais considerando as fontes primárias mais relevantes, encontradas nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo (Scientific Electronic Library Online), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic). Na realização da busca, utilizou-se os seguintes descritores: imagem corporal, influência da mídia, adolescência, mídia e adolescência, imagem corporal e adolescência, corpo feminino e insatisfação com a imagem corporal. Realizou-se a busca em artigos científicos, e-books, teses e dissertações, selecionando referenciais teóricos publicados de 2015 a 2021 em língua portuguesa. Encontrou-se o total cinquenta estudos (artigos, teses, dissertações) que, após a leitura minuciosa dos resumos, verificou-se que, do total, quinze estudos atendiam ao objeto desta pesquisa. Por fim, elencou-se exclusivamente quinze estudos para o tratamento dos dados.

Segundo Strauss e Corbin (2008), considera-se que, para o presente método de análise, o uso de comparações é essencial, justificando-se que os estudos comparativos são mais significativos. Vale ressaltar que a comparação referida não diz respeito à comparação incidente por incidente, e sim ao que chamam de comparações teóricas. De acordo com os referidos autores, “[...] comparações teóricas são ferramentas (uma lista de propriedades) para olhar para alguma coisa até certo ponto objetivamente, e não para nomear ou classificar sem um exame completo do objeto nos níveis de propriedade e de dimensão” (Strauss & Corbin, 2008, p. ???). Destaca-se, a esse respeito, que as comparações teóricas têm como objetivo auxiliar o pesquisador a melhor compreender os dados coletados.

Ainda conforme o que afirmam os autores, para o desenvolvimento da teoria, a pesquisa qualitativa e quantitativa deve operar juntas. Trata-se de um método quali-quantitativo, sobre o qual os pesquisadores defendem a interação entre si: “o método qualitativo deve dirigir o quantitativo, e o método quantitativo resulta no qualitativo, em um processo circular, mas ao

mesmo tempo evolutivo, com cada método contribuindo para a teoria a maneira que só ele pode fazer” (Strauss & Corbin, 2008, p. 45).

Os dados obtidos neste estudo serão ordenados e apresentados em categorias, conforme os objetivos da pesquisa, atendendo ao método comparativo teórico de Strauss e Corbin (2008). Os limites da pesquisa foram concernentes à língua em que os trabalhos foram publicados, sendo este um critério de exclusão de estudos publicados em língua inglesa, restringindo-se a trabalhos em língua portuguesa, encontrados nas bases de dados citadas anteriormente, considerando-se que os títulos e resumos se aproximassem da temática abordada.

4 RESULTADOS

A partir do levantamento bibliográfico encontrou-se quinze referências, as quais foram organizadas por ano de publicação, título, objetivo e autor (es/as) (Quadro 1). Realizou-se a leitura do material e em seguida a categorização de dados para a discussão que emerge do tema da pesquisa.

Quadro 1 - Levantamento bibliográfico: Artigos e Dissertações

Estudo	Ano	Título	Objetivo	Autor (es/as)
I	2015	Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino de uma cidade de pequeno porte: prevalência e correlações.	Identificar a prevalência e os fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de uma cidade de pequeno porte.	Cilene Rebolho Martins e Edio Luiz Petroski.
II	2017	SER MULHER: uma análise da imagem corporal entre adolescentes.	Compreender a materialidade do gênero em suas várias posicionalidades, como espaço de marcador social das diferenças – gênero/sexualidade dentre outras categorias – com as quais estética, aparência e corporalidade se articulam nessas diversas características, sobretudo, no espaço escolar.	Muranna Silva Lopes, Renata Caroline Pereira Reis Mendes e Sandra Maria Nascimento Sousa.
III	2017	Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras.	Avaliar relações entre a influência da mídia e o uso de redes sociais na imagem corporal (IC) de adolescentes do sexo feminino.	Ariana Galhardi Lira, Aline de Piano Ganen, Aline Sinhorini Lodi e Marle dos Santos Alvarenga.
IV	2018	A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes.	Discutir questões ligadas à mídia, ao padrão estético vigente e como estes podem influenciar no desenvolvimento de TAs nas adolescentes.	Aline Vieira Sá Copetti e Carolina Villanova Quiroga.
V	2018	A influência da mídia sobre as mulheres em busca de um corpo perfeito	Mostrar que a mídia e propaganda exerce grande influência no público, a construção de estereótipos e padrões estéticos e seus impactos sobre a autopercepção, a autoestima	Cassiana Ferri Grassi, Ivone Isabel Moser e Lidiane Isabel Filippin

			e a idealização do corpo na sociedade brasileira, seja ele jovem ou adulto.	
VI	2018	Corpo ideal e corpo real: a mídia e suas influências na construção da imagem corporal.	Refletir sobre como as mídias têm explorado o padrão físico e corporal feminino, relacionando-os com a autoaceitação e status social através da aceitação do outro.	Cristiana Faria Goulart e Priscila Abreu de Carvalho.
VII	2018	Jovens Insatisfeitos com a Imagem Corporal: Estresse, Autoestima e Problemas Alimentares	Verificar as relações diretas e apontar direções de fluxos de informação, por meio de análise que indique sistemas de informações entre a imagem corporal, os comportamentos alimentares (que apontam risco para transtornos alimentares), o estresse percebido, a autoestima e o IMC em jovens, com variações para o sexo dos participantes, utilizando-se a análise de rede.	Andressa Melina Becker da Silva, Wagner de Lara Machado, Anita Colletes Bellodi, Kainara Silva da Cunha e Sonia Regina Fiorim Enumo.
VIII	2018	O corpo ideal imposto pela mídia levando adolescentes do gênero feminino à obsessão pela forma física.	Identificar os temas das matérias publicadas na revista Capricho entre os anos 2014 e 2015; analisar as chamadas nas capas das publicações; buscar o perfil dos anúncios publicados na revista; correlacionar o conteúdo das matérias com os anúncios vendidos e as indicações das capas; analisar o conteúdo quando voltados a imagem corporal.	Juliane Cristina de Paula Silva, Natália Carrara Dias e Isabela Lemos de Lima Cascão.
IX	2019	Imagem corporal e a influência da mídia na construção do corpo feminino.	Evidenciar a influência da mídia com relação à construção da imagem corporal feminina.	Yuri Isaac Brito Barros
X	2019	Transtornos alimentares: a influência das mídias sociais na percepção da imagem corporal de jovens e adolescentes	Compreender a influência das mídias sociais na percepção da imagem corporal de jovens e adolescentes e sua relação com o desencadeamento dos transtornos alimentares.	Beatriz Braga Rezende e Maína Ribeiro Pereira Castro.
XI	2020	A construção da imagem corporal nas redes sociais: padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais.	Observar como ocorrem essas práticas discursivas para compreender a maneira que discursos midiáticos constroem a imagem corporal que conhecemos hoje.	Marília Diógenes Moreira.
XII	2020	Corpo Padrão: Um Estudo sobre as Concepções do Corpo Feminino Exposto pela Mídia.	Tratar da percepção do corpo feminino, que é imposto não só pela mídia, mas também pela sociedade, que traz a cada dia uma nova ideia de corpo, estando atrelado ao senso comum, o qual está diretamente vinculado às vias de comunicação, criando padrões de ser e estar no mundo.	Rafael Cândido Tomaz, Erika Suyanne Sousa Silva, Marcos Antônio Araújo Bezerra, José de Caldas Simões Neto e Ariza Maria Rocha.
XIII	2020	Feminilidade, Imagem Corporal e Mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres	Analisar de que maneira a feminilidade (considerando diferentes pertencimentos étnico-raciais e diferentes faixas etárias) e a	Camila Cristina e Saraiva Castello.

			corporeidade têm sido representadas na mídia, a partir de diálogos interdisciplinares entre a psicologia e o campo das artes visuais.	
XIV	2020	Mídia e comportamento alimentar na adolescência	Verificar a relação entre mídia e escolhas alimentares na imagem corporal e no possível desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes.	Carime Bittara e Amanda Soares.
XV	2020	Mídia social e internet predisõem a ansiedade, depressão, bulimia e anorexia em adolescentes e adultos jovens: uma revisão de literatura.	Analisar as mídias digitais e a internet e sua potencial influência na ansiedade, depressão, bulimia e anorexia em adolescentes e adultos jovens.	Scherzer Cabral Dias Polesso e Pietra Aparecida.

Fonte: Elaborado pela autora.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao considerar o objeto do estudo, o qual pretende investigar como as mídias sociais podem influenciar na construção da imagem corporal de adolescentes, especificamente do gênero feminino, e os impactos que possivelmente estão relacionados a esse processo, como a insatisfação da imagem corporal e o risco para transtornos alimentares, percebeu-se, diante dos resultados, que a mídia pode influenciar a imagem corporal das adolescentes. Apesar de não ser o único fator influenciador, esse estudo infere que a mídia contribui significativamente e afeta negativamente, sobretudo o sexo feminino, gerando insatisfação corporal e possível relação com transtornos alimentares.

Como já dito, a construção da imagem corporal ocorre ao longo da vida, por meio das experiências e dos processos identitários. Embora esses fatores não sejam instituídos desde o nascimento, é no decorrer do desenvolvimento humano que ocorrem acontecimentos que poderão influenciar diretamente esse processo: seja no convívio com outras pessoas, na relação que se estabelece com os comentários em redes sociais, situações de desconforto, como o bullying etc. Bittar e Soares (2020) consideram que as relações sociais de cada época influenciam toda a existência humana e dificilmente a sociedade, no que tange a esse tipo de comportamento, mudará por completo. Com base nessa perspectiva, essas pesquisadoras apontam que a relação indivíduo e meio afeta principalmente o período da adolescência.

Bittar e Soares (2020), ainda a esse respeito, argumentam que, apesar de a imagem corporal ser construída ao longo da vida, na adolescência há uma maior demanda de ajustamento estrutural. Para as autoras, o ajustamento estrutural refere-se às alterações ocasionadas pelas demandas físicas e hormonais presentes na adolescência, permitindo inferir que o problema extrapole o desejo de se ter uma forma corporal diferente. Em seu estudo,

afirmam, ainda, que indivíduos mais novos, se comparados aos indivíduos mais velhos, demonstram ser mais exigentes com a aparência.

De acordo com Lopes, Reis e Sousa (2017), a adolescência é compreendida como um dos momentos mais desafiadores para o desenvolvimento feminino, pois perpassa pela angústia do processo de pertencimento do espaço e a autoaceitação. Bittar e Soares (2020) corroboram com o estudo de Lopes et al. (2017), apontando que diante da exposição ao “corpo perfeito” apresentado nas mídias, os adolescentes tendem a sentir maior angústia, frustração e sofrimento.

Para Lira et al. (2017, p. 168), “[...] é na adolescência que os questionamentos e o não enquadramento nos padrões aprendidos podem surgir de forma mais latente, trazendo insatisfação e sofrimento”. Vale considerar que os adolescentes contemporâneos constituem uma geração desenvolvida e nativa do mundo digital, espaço esse onde eles podem buscar respostas da mídia frente aos seus anseios e interesses.

É interessante salientar que desde os primórdios da sociedade, a ideia de corpo perfeito gera discussão. Com o passar do tempo, a mídia tem influenciado o conceito de corpo e imagem corporal, assumindo um papel influenciador que, além de induzir apontamentos relacionados ao corpo humano, sugere, também, de modo direto ou indireto, o consumismo. Nesse caso, as pessoas podem fugir da realidade, na busca por comprar ou adquirir, de fato, aquilo que é vendido como “verdadeiro” pelo mundo da mídia (Barros, 2019; Moreira, 2020).

Essa ideia de corpo perfeito é apresentada, tanto ao sexo feminino, quanto ao sexo masculino, ambos impelidos à busca incessante de se adequar às exigências para se obter corpos idealizados, de modo que homens e mulheres passaram a se preocupar mais com a aparência. O que possivelmente os difere é a rigidez de imposição do padrão de beleza feminino e a não autonomia sobre o próprio corpo (Lopes et al., 2017). Um ponto a ser mencionado é que tanto mulheres quanto homens exercem opiniões judicativas ao corpo feminino alheio.

Segundo Moreira (2020, p. 149), “a historicidade do corpo feminino o destaca como principal alvo dos discursos midiáticos relacionados à padronização corporal”. Para Tomaz, Silva, Bezerra, Simões e Rocha (2020), o sexo feminino tende a ser mais consumista em relação ao conteúdo exposto pela mídia. No entanto, diante do cenário midiático, Castello (2020) e Polesso e Aparecida (2020) assumem posições alinhadas, afirmando que o público mais afetado negativamente pelas mídias sociais é o feminino.

O corpo feminino, no período colonial, considerado dentro do padrão de beleza referia-se a um corpo de aparência saudável, julgando como belo o corpo não tão magro, mas o corpo que expunha fartura. No entanto, atualmente, o cenário se contrapõe e o corpo feminino considerado acima do peso é discriminado (Tomaz et al., 2020).

Um estudo realizado por Lopes et al. (2017), obteve dados a partir de um grupo de 12 adolescentes do gênero feminino de 12 a 14 anos. Nesse estudo, observou-se que, a cada nova idade, as jovens participantes deparavam-se com a angústia de não saber quem são e a qual grupo pertencem, em consequência do processo de transição e transformação, característico da adolescência. Como resultado, o estudo permitiu observar que entre as adolescentes de 12 anos o fator principal da angústia sentida é o vestuário – como devem ou não se vestir. Com as adolescentes de 13 anos, as características do universo da moda ficaram mais evidentes e os discursos indutivos eram justificados por meio de um enunciado que afirma: “mulher é assim”. Por fim, as adolescentes de 14 anos evidenciaram que se preocupam e querem ser vistas como “mulheres”, fator que se refere tanto ao modo de se vestir e à utilização de acessórios como também aos comportamentos.

Ainda conforme o estudo, Lopes et al. (2017) apontam que, apesar de as adolescentes não demonstrarem insatisfação corporal, elas reproduzem discursos padronizadores, especificando como uma mulher deve se vestir e se comportar. As autoras concluem que a aparência é um espelhamento de relações, seja as construções culturais, sociais e/ou midiáticas. Além disso, em função dos padrões normatizadores, afirmam que “é preciso desmitificar o gênero feminino enquanto objeto de apreciação e padrões pré-estabelecidos para que se possa compreendê-lo como uma ferramenta de liberdade primária da mulher em ter autonomia sobre o próprio corpo” (Lopes et al., p. 7).

De acordo com Copetti e Quiroga (2018), diante da amplitude de informações apresentadas pela mídia, incluindo, em especial, a categoria das redes sociais, como Instagram, Facebook, entre outras, é perceptível a quantidade de conteúdos que visam apresentar os padrões de belezas atuais com os quais se “deve estar de acordo”. Tais autores citam, como exemplo desse tipo de imposição das redes sociais, as publicações de adolescentes que aparentam sempre estar “felizes e arrumadas” e/ou produzidas. Conforme o estudo realizado por Lira et al. (2017, p. 169), “[...] o Facebook, em dezembro de 2017 foi a rede social mais acessada (97,2%) – 90% acessavam diariamente –, seguido pelo Instagram.”

Os padrões apresentados nas mídias sociais dispõem do auxílio dos usuários para sua propagação. No caso das redes sociais, os influenciadores digitais, geralmente pessoas populares, seguidas por muitos outros usuários, compartilham suas experiências e rotina cotidiana, contribuindo, muitas vezes, para a propagação de valores estéticos e padrões de beleza. Esses influenciadores exibem suas formas físicas e os meios para alcançá-las. Em alguns casos são patrocinados e pagos para expor tais métodos, apresentando os produtos e as marcas de seus patrocinadores (Moreira, 2020).

Dentre os diferentes meios midiáticos que exibem os corpos perfeitos, Tomaz et al. (2020) classificam a mídia escrita como “sensacionalista”, uma vez que ela utiliza o seu poder de exibição de medidas e soluções fáceis e rápidas para obtenção do físico desejado. A esse respeito, vale ressaltar uma das principais revistas influenciadora no mundo da moda feminina, a revista Vogue. Essa revista, que antes parecia valorizar exclusivamente o corpo padrão, atualmente tem se desconstruído, expondo imagens que apresentam um corpo real mais diversificado, não tão magro.

Um estudo realizado por Silva, Dias e Cascão (2018), teve como objetivo analisar as matérias publicadas na revista *Capricho* entre 2014 e 2015. Como resultado, os autores observaram que os conteúdos expostos, voltados para as adolescentes, evidenciavam-se como ferramentas de manipulação, levando essas jovens a adquirir o produto e/ou marca apresentado, como um recurso ou meio para conseguir se adequar aos padrões de beleza ali explorados. Os autores complementam que a busca por seguir esses padrões de beleza estabelecidos, podem ocasionar problemas na autoestima dessas adolescentes.

Em contrapartida, Grassi, Moser e Filippin (2018), observaram que, diferente do que é apresentado pela literatura, a amostra de seus estudos demonstrou uma não influência direta da mídia. Os autores argumentam que a mídia possui um único objetivo: “estabelecer um padrão de beleza”, porém seu papel influenciador varia de indivíduo para indivíduo.

Goulart e Carvalho (2018), buscaram discutir e apontar a referência corporal apresentada nos filmes “Meninas Malvadas” e “Pequena Miss Sunshine”. Os autores concluem que ambos apresentam padrões errôneos e distorcidos para o público que os assistem. Goulart e Carvalho, por sua vez, verificaram que a utilização de ferramentas para a edição de imagens proporciona ainda mais uma imagem não realista nas mídias, fato que espanta quando confrontado com a realidade da imagem corporal das celebridades. No entanto, o estudo afirma que a mídia influencia na padronização corporal para a autoaceitação do indivíduo.

Segundo Copetti e Quiroga (2018, p. 167), “Observa-se que a insatisfação das adolescentes com sua imagem é possivelmente desenvolvida pelo corpo idealizado e perfeito que a sociedade cria e preconiza e que é disseminado pela mídia”. No entanto, mesmo que indiretamente, consideram que as redes sociais influenciam os jovens na necessidade de se adequar ao padrão de beleza. Pode-se inferir que essas influências, direta ou indiretamente, repercutem no desenvolvimento de uma baixa autoestima entre jovens. Esses dados coadunam com o estudo de Silva J. C. P. et al. (2018).

Rezende (2019, p. 14) constatou, em seus estudos, que a mídia influencia significativamente adolescentes e jovens na percepção da imagem corporal, posto que os

padrões de beleza apresentados geram “comparações contínuas, comportamentos de checagem corporal e uma maior insatisfação com a aparência que, por sua vez, podem contribuir para o desenvolvimento dos transtornos alimentares”. Barros (2019, p. 21) observou, em sua pesquisa, que “foi possível evidenciar a influência da mídia com relação à construção da imagem corporal feminina, compreendendo um tema atual e de suma importância com um olhar mais holístico em torno da sociedade”.

Silva J. C. P. et al. (2018) argumentam que as adolescentes acreditam que somente vão ser aceitas socialmente se estiverem adequadas ao padrão de beleza vigente, de modo que se tornam obsessivas no que diz respeito à própria forma física. Alvarenga et al. (2010) citado por Tomaz et al. (2020), afirma que “essa obsessão pela busca do corpo perfeito, além de atingir a saúde, também pode trazer uma deformação na sua imagem corporal”.

Bittar e Soares (2020) verificaram que a mídia, por meio de seus interesses mercadológicos, veicula os padrões estéticos, influenciando os adolescentes. De acordo com as autoras, “a mídia, tendo se transformado em poderoso artefato nos últimos anos, contribui para criar comportamentos alimentares disfuncionais” (Bittar & Soares, 2020, p. 302), complementando que a angústia e solidão geradas pelos efeitos das influências midiáticas, possivelmente possuem relação com o desenvolvimento de “transtornos psicológicos e os comportamentos alimentares inadequados”.

Polesso e Aparecida (2020), puderam afirmar, conforme os resultados de sua investigação, que os transtornos alimentares podem ser ocasionados por diferentes fatores, porém a insatisfação corporal apresentou maior influência. O estudo faz referência à busca por um padrão de beleza não real e à relação com os problemas psicológicos. No entanto, os autores afirmam que a utilização das mídias sociais colabora para o agravamento dos fatores supracitados.

Silva, Machado, Bellodi, Cunha e Enumo (2018) destacaram a insatisfação corporal como fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares. A partir do resultado do estudo empreendido, os autores verificaram que há maior prevalência de comportamento alimentar inadequado e de dietas errôneas entre jovens do sexo feminino, quando comparado ao sexo masculino.

A. M. B. da Silva et al. (2018), Rezende (2019), em um alinhamento de posições investigativas, demonstraram, em cada uma de suas pesquisas, respectivamente, que há possível relação entre o desenvolvimento de transtornos alimentares com a utilização das mídias sociais e o comportamento alimentar inadequado, porém há poucas pesquisas que confirmam a associação. A. M. B. Silva et al., em seu estudo constatou maior prevalência do comportamento

alimentar inadequado e o apelo à dieta entre as jovens do sexo feminino, quando comparado ao sexo masculino.

De acordo com Tomaz et al. (2020), apesar da existência de tratamentos estéticos e cirurgias plásticas para que se alcance a “perfeição”, algumas mulheres mesmo realizando esses procedimentos não se sentem satisfeitas, assim cada vez mais buscam por novos métodos.

Martins e Petroski (2015), diante dos dados obtidos, evidenciaram a necessidade e a importância de ações direcionadas para adolescentes do sexo feminino, que visem proporcionar maior satisfação corporal, tendo, como consequência positiva, maior prevenção quanto ao risco de desenvolvimento de transtornos alimentares. A. M. B. Silva et al. (2018, p. 490) conclui, em seu estudo, que as diferenças entre os sexos devem ser consideradas, a fim de “orientar as propostas de intervenção, considerando as influências midiáticas e culturais que essa população sofre em termos de ideais de beleza física.”

Um estudo realizado com adolescentes do sexo feminino de uma cidade de pequeno porte de Santa Catarina apontou que uma a cada quatro estudantes apresentam insatisfação corporal, tendo o excesso de peso como principal fator, conforme os instrumentos utilizados para a análise de variáveis. Complementa-se que esse resultado se mostrou diretamente relacionado aos comportamentos de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares (Martins & Petroski, 2015).

De acordo com o estudo realizado por Martins e Petroski (2015), além da insatisfação com a imagem corporal ser presente na vida dos adolescentes de grandes cidades, os dados obtidos demonstram que os adolescentes que vivem em cidades menores também são acometidos pelo mesmo sentimento. Desse modo, os autores afirmam que a renda familiar e maturação sexual não possuem relação com o resultado. Todavia, esclarecem que o papel influenciador da mídia em referenciar um padrão de beleza ideal está presente em diferentes contextos e culturas.

Segundo Lira et al. (2017), independente da classe social ou nível de escolaridade, 80% das adolescentes apresentaram insatisfação corporal (IC). Os autores reforçam que “as mídias, incluindo as redes sociais, estão associadas à insatisfação da IC de meninas adolescentes”, correlacionando o frequente acesso às mídias sociais com a maior insatisfação das adolescentes, quando comparadas às que não possuem acesso frequente.

Para Moreira (2020), considera-se relevante refletir sobre o poder midiático na sociedade e sobre como seria caso não houvesse essa propagação de interferências sobre o corpo ideal, ou se existiria de fato um padrão de beleza.

Portanto, vale ressaltar que as possíveis propostas de intervenção devem ser realizadas por profissionais da área da saúde, como médicos, psicólogos e nutricionistas, buscando tomar medidas que conscientizem a sociedade para as práticas saudáveis e alertar sobre o que não é saudável, evitando futuros problemas na saúde, advindos de ações errôneas na busca pelo corpo perfeito (Barros, 2019; Rezende, 2019).

Considerando as condições de riscos para o desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes e jovens, A. M. B Silva et al. (2018) sugerem que a Psicologia, juntamente com as equipes multidisciplinares, desenvolva um plano de trabalho preventivo, que vise avaliar e direcionar a intervenção, conforme as questões pessoais de cada adolescente.

Enquanto promotora de saúde mental e bem-estar, a Psicologia tem papel fundamental para as pessoas, seja em qualquer fase do desenvolvimento humano. A esse respeito, a partir das questões abordadas neste estudo, verifica-se que a Psicologia contribui para a problematização do tema, a fim de ofertar estratégias de atuação para o possível enfrentamento das questões relacionáveis, como também gerar novos pontos de vistas que possibilitem a reflexão da sociedade diante do conteúdo midiático exacerbado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos apresentados no estudo, foi possível verificar a influência da mídia na construção da imagem corporal das adolescentes. O tema se constitui como de relevância social, visto que, cada vez mais, a mídia vem ganhando espaço na vida dos adolescentes, incluindo, principalmente, as redes sociais.

A adolescência é vista como um momento de transição e construção da identidade corporal. Esse período é imbuído, além das transformações corpóreas, das vivências e das experiências psíquicas e sociais pelas quais os jovens passam. Diante desses aspectos, a propagação midiática em termos de padrões corporais, intitulados como um modelo de corpo ideal, podem ser influências diretas e indiretas nas ações das adolescentes. O corpo perfeito apresentado e disseminado pela mídia faz referência ao corpo magro, imposto como um corpo bonito para a atualidade.

Vale ressaltar que parte do conteúdo midiático do corpo exposto se trata de um conteúdo ilusório e errôneo, visto que a presença das edições feitas por Photoshop em vídeos e imagens distorcem a realidade vivida. De acordo com as fontes empregadas neste estudo, constata-se que o padrão de corpo ideal supracitado pela mídia produz o sentimento de insatisfação corporal nas adolescentes. Na busca pelo sentimento de satisfação corporal, as adolescentes fazem uso

de métodos e estratégias mirabolantes, prejudiciais à saúde, como, por exemplo, as dietas e os procedimentos estéticos sem o acompanhamento de profissionais qualificados.

Pôde-se verificar que, além do sentimento de insatisfação com o corpo próprio e real, os dados aferidos neste estudo permitem afirmar a relação entre a mídia e o risco para transtornos alimentares na adolescência. Aponta-se que o conteúdo midiático consumido está associado aos comportamentos alimentares inadequados, que, por sua vez, precedem os transtornos alimentares. Foi possível também identificar a relação entre os fatores de cunho psicológico, como o desencadeamento da depressão, ansiedade e baixa autoestima.

Assim, visto que a mídia influencia e afeta negativamente os adolescentes, principalmente o sexo feminino, vale evidenciar que o consumo de conteúdos expostos pelas mídias sociais deve ser refletido, julgando-se necessárias intervenções que visem o bem-estar físico e mental das adolescentes que sofrem em função disso. No entanto, esse estudo não esgota a densidade da temática aqui discorrida. Há, portanto, a necessidade de exploração do tema, no sentido de ampliar a reflexão sobre o assunto, pondo em pauta maiores informações para o público adolescente e para as pessoas que se relacionam com esses jovens.

REFERÊNCIAS

Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. (S. M. G. Bailve, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1970).

Ávila, M. A. (2021, 15 de fevereiro). Brasil é recordista em cirurgia plástica entre adolescentes, especialista explica risco e benefício. *Hoje em Dia*. Recuperado de <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/brasil-%C3%A9-recordista-em-cirurgia-pl%C3%A1stica-entre-adolescentes-especialista-explica-risco-e-benef%C3%ADcio-1.824689>.

Barros, Y. I. B. (2019). *Imagem corporal e a influência da mídia na construção do corpo feminino*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado) Universidade Católica do Salvador, Salvador. Recuperado de <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/945/1/TCCYURIBARROS.pdf>.

Bezerra, M. A., Barros, G. G., Bezerra, G. G., Simões Neto, J. C., Bottcher, L. B., & Pereira, C. C. B. (2020). Insatisfação corporal de adolescentes escolares. *Health of Humans*, 2(1), 17-23. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2674-6506.2020.001.0003>.

Bittar, C., & Soares, A. (2020). Mídia e comportamento alimentar na adolescência. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 28(1), 291-308. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1920>.

Borsoi, B. F. G., & Guimaraes, R. B. (2019). Impactos sociais das cirurgias plásticas e a saúde de meninas jovens no Brasil. In: *Anais do IX Simpósio Nacional de Geografia da Saúde*, Blumenau, Santa Catarina. Recuperado de <http://inscricao.eventos.ifc.edu.br/index.php/geosaude/geosaude/paper/viewFile/1388/377>.

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Castello, C. C. S. (2020). *Feminilidade, imagem corporal e mídia: um estudo sobre processo identitários das mulheres*. (Trabalho de conclusão de curso não publicado). Centro Universitário de Brasília, Brasília. Recuperado de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14709/1/Artigo%20-%20Camila%20Castello.pdf>.

Claumann, G. S., Pinto, A. A., Silva, D. A. S., & Pelegrini, A. (2018). Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 67(1), 3-9. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000177>.

Copetti, A. V. S., & Quiroga, C. V. (2018). A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(2), 161-177. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2664>.

Del Ciampo, L. A., & Del Ciampo, I. R. L. (2010). Adolescência e imagem corporal. *Adolescência & Saúde*, 7(4), 55-59. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/261795510_Antonio_Luiz_Ciampo_Del_Lopes_Ied_a_Regina_Ciampo_Del_Adolescencia_e_imagem_corporal.

Frois, E., Moreira, J., & Stengel, M. (2011). Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 71-77. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/7yndSDgPJX4jXXYJymhcWkM/?format=pdf&lang=pt>.

Gil, A. C. (2002). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (4a ed.). São Paulo: Atlas.

Goulart, C. F., & Carvalho, P. A. (2018). Corpo ideal e corpo real: A mídia e suas influências na construção da imagem corporal. *O portal dos psicólogos*. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1209.pdf>.

Grassi, C. F., Moser, I. I., & Filippin, L. I. (2018). A influência da mídia sobre as mulheres em busca de um corpo perfeito. *Universidade La Salle*. Recuperado de <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2018/article/view/917/861>.

Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10, 37-45. (Número Especial - Pesquisa em Serviço Social). DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

Lira, A. G., Ganen, A. P., Lodi, A. S., & Alvarenga, M. S. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 66(3), 164-171. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>.

Lopes, M. S., Reis, R. C. P. M., & Sousa, S. M. N. (2017). SER MULHER: uma análise da imagem corporal entre adolescentes. *Revista Espacios*, 38(29), 5. Recuperado de <https://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p03.pdf>.

Martins, C. R., & Petroski, E. L. (2015). Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino de uma cidade de pequeno porte: prevalência e correlações. *Motricidade*, 11(2), 94-106. DOI: <https://doi.org/10.6063/motricidade.3670>

Moreira, M. D. (2020). A construção da imagem corporal nas redes sociais: padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais. *PERcursos Linguísticos*, 10(25), 144-162. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v10i25.30680>.

Murari, K. S., & Dorneles, P. P. (2018). Uma revisão acerca do padrão de autoimagem em adolescentes. *Revista Perspectiva: Ciência e saúde*, 3(1), 155-168. Recuperado de <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/209/197>.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência. Em D. E. Papalia & R. D. Feldman (Orgs.). *Desenvolvimento Humano* (12a ed.), (pp. 384-419). Porto Alegre: AMGH.

Pereira, E. F., Graup, S., Lopes, A. S., Borgatto, A. F., & Daronco, L. S. E. (2009). Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socioeconômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 9(3), 253-262. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292009000300004>

Pizzani, L., Silva, R. C. da, Bello, S. F., & Hayashi, M. C. P. I. (2012). A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação*, 10(2), 53-66. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>.

Polesso, S. C. D., & Aparecida, P. (2020). *Mídia social e internet predispõe a ansiedade, depressão, bulimia e anorexia em adolescentes e adultos jovens: uma revisão de literatura*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Recuperado de <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/641>.

Rezende, B. B. (2019). *Transtornos alimentares: a influência das mídias sociais na percepção da imagem corporal de jovens e adolescentes*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Centro Universitário de Brasília, Brasília. Recuperado de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13469>.

Ribeiro, P. R. L., Tavares, M. C. G. C. F., & Caetano, A. S. (2012). Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. *Psico-USF*, 17(3), 379-386. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300004>.

Saikali, C. J., Soubhia, C. S., Scalfaro, B. M., & Cordás, T. A. (2004). Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(4), 164-166. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400006>.

Scherer, F. C., Martins, C. R., Pelegrini, A., Matheus, S. C., & Petroski, E. L. (2010). Imagem corporal em adolescentes: associação com a maturação sexual e sintomas de transtornos alimentares. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(3), 198-202. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000300005>.

Silva, A. M. B. da, Machado, W. L., Bellodi, A. C., Cunha, K. S. da, & Enumo, S. R. F. (2018). Jovens insatisfeitos com a imagem corporal: estresse, autoestima e problemas alimentares. *Psico-USF*, 23(3), 483-495. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230308>.

Silva, J. C. P., Dias, N. C., & Cascão, I. L. L. (2018). O corpo ideal imposto pela mídia levando adolescentes do gênero feminino a obsessão pela forma física. *Revista Científica UMC*, 3(3), 1-4. (Edição Especial PIBIC – Ciências da Saúde). Recuperado de <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/542/435>.

Silva, R. F. da, Venditti Jr., R., Miller, J. (2010). Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder: Contribuições para trabalhos corporativos nas áreas de educação física, dança e pedagogia. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, (10)68. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd68/schilder.htm>.

Strauss, L., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2a. ed., L. O. Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Tavares, M. C. G. C. F. (2003). Em M. C. G. C. F. Tavares, *Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento*. (p. 15-26). Barueri: Manole.

Telles, A., (2010). *A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas*. São Paulo: M. Books do Brasil. Recuperado de <https://docplayer.com.br/615375-A-revolucao-das-midias-sociais-cases-conceitos-dicas-e-ferramentas.html>.

Tomaz, R. C., Silva, E. S. S., Bezerra, M. A. A., Simões Neto, J. C., & Rocha, A. M. (2020). Corpo Padrão: um estudo sobre as concepções do corpo feminino exposto pela mídia. *Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal*, 7(10), 120-145. Recuperado de <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/98>.